



Universidade de Brasília

Instituto de Artes

Departamento de Música

**As dificuldades e percalços nas atividades de Canto Coral da
Associação Viver da Cidade Estrutural, Brasília: um estudo de
entrevistas no coro infantil**

Brasília

2016

Perla Izidoro Leão

**As dificuldades e percalços nas atividades de Canto Coral da
Associação Viver da Cidade Estrutural, Brasília: um estudo de
entrevistas no coro infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Música pela Universidade de
Brasília

Orientador: Prof. Ms. Alexei Alves de Queiroz

Brasília

2016



Universidade de Brasília

Instituto de Artes
Departamento de Música

ATA DE DEFESA DE TCC

Perla Izidoro Leão

“As dificuldades e percalços nas atividades de Canto Coral da Associação Viver: um estudo de caso em Coro Infantil”

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em sob a orientação do Professor(a) Alexei Alves de Queiroz, segundo o Ato 52/2016 do dia , que nomeou banca de avaliação.

Resultado:

☒ Aprovado;

☐ Aprovação condicionada à apresentação da versão final com as reformulações sugeridas pela banca no prazo máximo de 14 dias;

☐ Reformulação de forma com definição de nova defesa de banca

☐ Reprovação;

Brasília, 5 de dezembro de 2016.

Alexei Alves de Queiroz

Simone Lacorte Recôva

Alessandro Borges Cordeiro

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Divina Misericórdia de Deus que foi a força em minhas fraquezas e meu mais fiel amigo.

Agradeço a meu professor por sua ajuda, orientação e paciência.

A meus amigos e familiares que de algum modo colaboraram com meu trabalho e formação.

Finalmente agradeço a Associação Viver, por ter cedido o espaço para pesquisa assim como aos Educadores sociais e funcionários que colaboraram e ajudaram para este trabalho.

A todos me faço agradecida.

Resumo

Este trabalho teve como objetivo reconhecer as dificuldades encontradas pelo educador musical para a manutenção da oficina de canto coral na Instituição Associação Viver situada na Cidade Estrutural, Brasília - DF. É um estudo de entrevistas com abordagem qualitativa, feito a partir de observações e entrevistas com os envolvidos. As principais fontes de referência foram: o trabalho de Leila M. M. Dias com um estudo sobre as interações nas práticas musicais coletivas, a dissertação de Mirian M. Utsunomiya que pesquisou sobre as novas competências exigidas do regente de coro em ONGs e a tese de Maria José C. de Lima, sobre as influências de trabalho coral em duas comunidades do Rio de Janeiro. De acordo com a análise feita dos dados levantados, as principais dificuldades que estão sendo enfrentadas pelo educador musical no projeto Coral Viver da Associação Viver são: restrições econômicas institucionais, sobrecarga de funções ao professor, rotatividade dos participantes, tarefas que estão além de suas competências, deficiências em sua formação.

Palavras-chave: Prática coral, Educação musical, ONGs.

Abstract

This work aimed at recognizing difficulties faced by musical instructors for the maintenance of the choral workshop at Instituição Associação Viver, located in Cidade Estrutural, Brasília - DF. It is a study of qualitative approach, based on observations and interviews with those involved. The main sources of reference were: Prof. Leila M. M. Dias's work with a study on the interactions in collective music practices, Prof. Mirian M. Utsunomiya's doctoral dissertation on new skills required of the chorus conductor in NGOs and the thesis of Prof. Maria José C. de Lima on the influence of choral work in two communities in Rio de Janeiro. According to the analysis, the main hurdles faced by the musical instructor in Coral Viver project, of Associação Viver, are: institutional economic constraints, overburden of functions regarding the teacher, rotation of the participants, tasks that are beyond their competences, as well as deficiencies in teacher's training.

Keywords: Choral practice. Music education. ONGs.

Sumário

Introdução	
1. Revisão Bibliográfica	12
2. Metodologia	16
2.1- Justificativa	
3. Objetivo geral	18
3.1 – Objetivos específicos	
4. O Coro Viver	19
Considerações Finais	28
Referências Bibliográficas	30

Introdução

Este trabalho é feito a partir de questões que me acompanham por vários anos quando trabalhei com crianças e jovens em situação de risco em comunidades de periferias. Via um potencial de transformação em cada uma delas, mas ao mesmo tempo, desesperança e falta de fé em si e nas possibilidades que poderiam ter, trabalhei com pequenos grupos musicais e a partir daí via se acender uma chama de fé e esperança de que elas poderiam se apropriar da capacidade de transformar suas vidas, construir um futuro mais feliz para si e suas famílias que poderiam mesmo com dificuldade dar segmento aos seus estudos e contribuir com coisas boas em sua comunidade. É fato conhecido que as crianças e jovens que vivem essas realidades estão expostas a muitos fatores negativos: violência de todos os tipos, criminalidade, o tráfico de drogas como fuga ou meio fácil de conseguir dinheiro, frustrações de todas as formas. Para eles o grupo de canto era um local de aprendizado, bons relacionamentos e trabalho em grupo onde todos tinham lugar e importância. Eu mesma tive uma experiência em um projeto de educação musical na adolescência que creio ter sido uma ajuda enorme em minha vida. Daí minha preocupação com os que se propõem a contribuir com a educação musical em grupos de canto, pois mesmo com todo o bem que pode ser realizado, percebi a dificuldade que pequenos projetos têm em continuar existindo.

Neste trabalho busco compreender as dificuldades enfrentadas pelo educador junto ao projeto A VIVER para que este mantenha ali um trabalho de grupo coral. Primeiramente quero saber quais são essas dificuldades, mas também qual a origem destas. Em especial busco identificar se estas têm relação com iniciativas e apoio governamental, com o nível de prioridades educacionais dos envolvidos, ou ainda com a resposta da comunidade ao trabalho que o responsável desenvolve.

Manter um trabalho dentro de uma comunidade mesmo amparado por uma ONG não é coisa fácil e mesmo amparado por lei o ensino de música ainda não foi implantado nas escolas como deveria por falhas governamentais. Iniciativas particulares de educação musical a partir de ONG's, Igrejas, fundações e outros, tem sido de importante ajuda a comunidades em várias partes do país. É importante compreendê-las em suas dificuldades, pois estas nos ajudam a questionarmos e adequarmos nosso fazer para atuar como profissionais da educação musical. Sempre que nos deparamos com projetos que visam o bem das comunidades especialmente em locais em que existem situações de risco questionamos nossa responsabilidade social no papel de educador musical. Tendo a música como fator essencial da cultura e desenvolvimento humano.

O objeto de estudo é o coro do projeto A VIVER – Associação dos Voluntários Pró-Vida Estruturada é uma ONG que desenvolve atividades na Qd. 15 Conjunto C1 – Setor Oeste, Cidade Estrutural/DF ao lado do aterro sanitário. É uma associação sem fins lucrativos e reconhecida como utilidade pública, estando ativa desde 1994. Tendo por finalidade prestar serviço de assistência social, promovendo a educação, a cidadania e a inclusão de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. São oferecidas atividades socioeducativas diversas como música, esportes, e reforço escolar no contra turno das aulas das crianças. Atualmente estão sendo atendidas 300 crianças e adolescentes com idade de 6 a 14 anos, filhos de catadores e outras que vivem na Cidade Estrutural.

A Associação VIVER surgiu na década de 1990 a partir da iniciativa de missionários da 1ª Igreja Presbiteriana do Brasil no Cruzeiro, que se sentiram tocados pela difícil situação das pessoas que moravam em meio ao aterro sanitário do DF em barracos de madeira retirando seu sustento do mesmo. Na época tentavam suprir as necessidades básicas desses moradores. A instituição conquistou o apoio e o respeito das famílias e parceiros no trabalho que realizavam.

A Associação dos Voluntários Pró-Vida Estruturada é uma ONG sem fins lucrativos. A instituição se tornou um centro de convivência e fortalecimento de

vínculos sociais e familiares, e procura dar a todos aos que assiste oportunidade em adquirir conhecimentos e habilidades para transformarem a realidade social em que estão inseridos. Como já foi citado anteriormente o atendimento é gratuito e é referência na Comunidade da Cidade Estrutural. As crianças e adolescentes têm acompanhamento profissional de assistente social, nutricionista, psicólogo e pedagogos, em atendimentos individuais e familiares, apoio escolar, oficinas e atividades em grupo. Recebem duas refeições por dia com avaliação nutricional de cada criança e adolescente.

A partir do ano de 2010, a Associação VIVER mantém convênio com o Governo do Distrito Federal e parceria com o Banco Mundial de Alimentos e o SESC Mesa Brasil. A 1ª Igreja Presbiteriana do Brasil no Cruzeiro é a entidade mantenedora e responsável de oferecer suporte para o funcionamento e direcionar o planejamento estratégico da instituição. Outras pessoas físicas e jurídicas também fazem eventuais doações em dinheiro, alimentos, brinquedos e ou materiais necessários para o desenvolvimento das atividades realizadas com as crianças. A Instituição não possui vínculos políticos ou partidários. A partir do momento em que a ONG firmou convênio com o GDF deixou de ser confessional, mas preserva valores cristãos que consideram ajudar as crianças a fortalecerem o seu emocional em vista de serem cidadãos construtores de uma sociedade melhor.

A Associação VIVER conquistou certificado de Utilidade Pública do Distrito Federal, Utilidade Pública Federal, emitido pelo Ministério da Justiça, Conselho de Assistência Social do Distrito Federal – CAS/DF, Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente – CDCA e a Certificação de Entidades Beneficentes de Assistência Social – CEBAS.

A instituição está situada ao lado do aterro sanitário do DF no lugar de um posto policial. Quando este foi fechado o espaço foi cedido pela administração para o projeto aonde se desenvolveu para área com dois prédios com salas cozinha, banheiros, depósito, uma quadra de futebol e parquinho de estrutura simples e precária, foi construída pelos voluntários gradualmente. São oferecidas várias

oficinas como: Apoio Escolar, Canto Coral, Flauta doce e Violão, Jiu-Jitsu, Balé e Hip-Hop, Informática, Artes Plásticas, Esporte e Lazer.

Dentro da sala aonde se trabalha o coro, que é compartilhada com a oficina de jiu-jitsu, a professora tem uma mesa, dois armários com materiais e teclado, além dos materiais da prática citada anteriormente, o local é razoavelmente seguro com vigilância feita por funcionários contratados.

1-Revisão bibliográfica

Para este trabalho foram escolhidos três textos para servir de referência principal. O primeiro é “Interações pedagógico musicais da prática coral” tese do doutorado da Dra. Leila M. M. Dias, que teve como foco principal de estudo as dinâmicas de ensino e aprendizagem em dois corais de Porto Alegre. Nesta tese foi feito um estudo de caso no qual a autora, além de observar, participou ela mesma como coralista. Além disso, ela abordou também as novas sociabilidades que foram sendo criadas a partir das interações ocorridas ao longo desta experiência coral. Ou seja, a autora se importava não somente com o aprendizado musical, mas também na experiência social vivenciada pelos cantores. Os dois coros são de instituições com propostas diversas, um educacional e o outro ligado a saúde. Tentou responder a questões como; porque as pessoas procuravam o coro; os fatores que ajudavam a manter estas pessoas no coro, tipos de relações construídas e como estas relações aconteciam; e também se as práticas do coral ajudavam os participantes a aprender a conviver melhor com as diferenças encontradas entre eles. O estudo teve abordagem qualitativa e a autora participou como membro do coro. Fez diários de ensaios, apresentações, entrevistas com regentes e coralistas tanto particulares quanto coletivas. Suas compreensões são formuladas a partir das ideias de Goffman (1967, 1975, 1988), Shütz (1974, 1984) e Bauman (2001, 2003, 2005, 2009) no que diz respeito à interação, práticas musicais coletivas, perspectivas para o reencontro entre os indivíduos na sociedade.

“A riqueza de dados nos aspectos sociomusicais fez emergir e ampliar a minha visão acerca de uma educação musical para além dos aspectos estético-musicais operando na complexidade das relações humanas que acontecem na prática coral.” (DIAS, 2012, p. 198).

Em sua pesquisa, (DIAS 2012) percebe que novas sociabilidades surgiam no cotidiano dos coristas a partir do momento em que se comprometiam a expor-se à convivência durante os ensaios e apresentações. A importância das relações ditas “horizontais” com os colegas de coro nos momentos de estudo, preparação de repertório, lazer, tensões,

apresentações, bem como as chamadas relações “verticais” com o regente, tudo isso em um fazer musical cooperativo aonde todos aprendem, se adaptam e contribuem. Compreende-se aqui a importância destas interações para o crescimento e a estabilidade do grupo.

“(...) ela [A preparadora vocal do Coro Vida] me disse que a força que as pessoas individualmente ganham no canto coletivo é imensa, trazendo resultados significativos.” (DIAS, 2012, p. 137).

Como segunda referência, será usada a monografia “A educação musical nas ONGs. A prática do coral infantil na ADOTE”, um estudo de caso voltado para investigar a atuação da referida ONG em sua sede do Rio Grande do Norte que atende especialmente crianças deficientes. O autor Janieri Luiz da Silva (2010) apresenta os processos didáticos e metodológicos das atividades desenvolvidas pelo Projeto Ateliê de talentos e colabora a este trabalho principalmente quanto à importância de um trabalho de coro como colaborador nos processos educativos inclusivos. “Nas ONGs, a educação musical é uma prática nova e que ainda está ligada a contextos educativos, principalmente o canto coral por necessitar de pouco custeamento financeiro, não saindo tão caro para as instituições.” (SILVA 2010 pg. 10) Este trabalho lança um olhar sobre o como essa instituição que é mantida e apoiada pelo governo assim como outras vem se desenvolvendo. O terceiro setor é constituído dessas instituições que se propõem a promover ações públicas.

A terceira referência a ser usada aqui será a dissertação “O regente de coro infantil de projetos sociais e as demandas por novas competências e habilidades” de Miriam Megumi Utsunomiya (2011) inicia fazendo um histórico de como eram desenvolvidos trabalhos com canto coral e as competências exigidas dos regentes e suas mudanças desde o período colonial até hoje aonde é desenvolvido predominantemente em instituições do terceiro setor, isto é instituições filantrópicas ou sem fins lucrativos. Acentua a falta de formação específica para o trabalho profissional e materiais próprios para o trabalho com crianças destes poucos existentes em todo Brasil, fala da escassez de repertório decorrente disso.

Nesta pesquisa, a autora traz muitas dicas e orientações a respeito do trabalho com o coro infantil tanto quanto ao preparo vocal e cuidados com as vozes das crianças, quanto a outras necessidades e cuidados, como trabalho corporal unido a vocal a necessidade de um

trabalho com a utilização do lúdico cuidados com a ansiedade, sobre a importância de primar pela qualidade acima da quantidade de apresentações, a importância da preparação do local, a importância da liderança do regente, mas que essa liderança não exclui a necessidade que tem de formação adequada e do despreparo para atuar com esses coros. Que o regente assim em um projeto social precisa de: competência intelectual, competência interpessoal, competência técnica.

Utsunomia fez pesquisa de campo com regentes que atuam na área em ONG's e percebe que em todos os casos estudados os coros são vistos como atividades complementares à formação humana das crianças. Todos valorizam a formação técnica do educador regente e acreditam se necessário que conhecimentos quanto ao seu público alvo devem ser acrescentados.

“Através deste pequeno recorte apresentado sobre a situação dos grupos de coral infantil no Brasil, mais especificamente, na cidade de São Paulo pode-se perceber que as demandas para o regente de coral infantil de ONG's transcendem a área técnico artística envolvendo aspectos de gestão de pessoas e públicos envolvidos no coro. Portanto além da evidente demanda de competências na área musical- área de canto, instrumento, regência, afinação entre outros- requeridas ao regente, percebe-se que neste universo do terceiro setor é preciso tratar também dos aspectos educacionais que surgem no contexto de corais infantis de projetos sociais.” (UTSUNOMIYA, 2011, p. 41)

A quarta referência é a tese de doutorado da prof. Maria José C. de S. Lima (2007) que resultou de um trabalho com canto coral infanto-juvenil nas comunidades de Santa Galo e Pavãozinho no Rio de Janeiro. Esta orienta-se a partir de dois autores: Joffre Dumazedier e Paulo Freire. A autora começa suas reflexões falando do surgimento das favelas e sua ampliação no Brasil e as consequências disso, depois revê rapidamente o desenvolvimento dos coros no Brasil. Reflete sobre o lazer como forma de adquirir conhecimento, autonomia e consciência a partir da visão de Joffre Dumazedier e a partir da visão método de treinamento mental, proposto por Gérard Jean-Montclerc. Também traz para seu trabalho reflexões de Paulo Freire que buscam dar ao estudante autonomia e libertação. Ela procura aplicar o método Paulo Freire em um coro formado por ela em uma instituição de educação de horário integral chamada Solar Meninos Luz. Junto ao seu trabalho realizou entrevistas e observações que a ajudaram a concluir que houve uma melhora em suas atitudes, autoestima, e uma compreensão por parte das crianças de que são sujeitos transformadores em suas vidas e consequentemente de sua

comunidade. “As experiências vividas pelas crianças durante a atividade de lazer não ficam restritas apenas a elas. Elas são levadas para todas as pessoas de seu entorno, influenciado pouco a pouco o ambiente por onde circulam” (LIMA 2007 pg. 152).

“O trabalho desenvolvido em um coro vai muito além do trabalho vocal, do desenvolvimento do ouvido harmônico, da percepção auditiva e rítmica. O ato de cantar, para alguns dos entrevistados, é visto como um momento de recobrar forças, ganhar energia, para que possam enfrentar seus problemas cotidianos com mais equilíbrio e tranquilidade.” (LIMA 2007 pg. 153).

Os materiais descritos foram colaboradores importantes na compreensão da realidade observada e nos dão ainda a perspectiva de que a problemática observada na Cidade Estrutural não é uma situação isolada, e sim parte de uma realidade presente em outros contextos. Desse modo é possível melhor entender a importância de trabalhos de oficinas de música promovidos por ONGs em comunidades carentes.

2- Metodologia

Esse trabalho é um estudo de entrevistas. O objeto de estudo foi o coro infantil, do projeto Associação Viver. A abordagem foi qualitativa, privilegiando mais os sentidos e significados dos atores envolvidos no trabalho, em especial a professora responsável pelo projeto. Buscou-se observar o ambiente, a estrutura humana, física, e social que são importantes na compreensão das realidades vividas.

A principal fonte deste trabalho foram entrevistas gravadas e realizadas no local entre setembro e outubro de 2016 com pessoas envolvidas diretamente com o projeto. As entrevistas foram realizadas com a professora do coro, que neste projeto recebe a designação de “educadora social”, com o psicólogo do projeto, um assistente social, a coordenadora pedagógica, duas crianças que participam da oficina de canto coral e o administrador geral do projeto. Além disso, foram realizadas observações diretamente no local no mesmo período.

Para embasar esta pesquisa, foram levantadas referências bibliográficas que se voltassem para o trabalho de canto coral em ambiente de assistência social com foco em relações interpessoais, nas relações do coro com a comunidade em que é inserida, ou focadas na questão da própria formação musical do regente.

2.1- Justificativa

O tema desta reflexão é relevante para o estudante do curso de licenciatura em Música, visto que, de modo geral, este aluno não teve contato com corais infantis em sua formação, muito embora haja demanda profissional nessa área. De forma geral para a sociedade o coro infantil oportuniza uma possibilidade de contato com a música. As crianças que participam dessa atividade podem ter acesso a um campo de conhecimento que abrange: a história da música, a técnica vocal, a harmonia, o contraponto. Elas poderão desenvolver habilidades individuais e sociais, pois o canto coral age sobre a psique, o emocional, sobre estar junto em atividade coletiva, ordenada por uma

musicista nas funções de maestro, corepetidor, preparador vocal preparador corporal e educador social ¹. Por outro lado, os benefícios também são revertidos para a comunidade por meio de apresentações, da retirada dessas crianças e jovens das ruas e da marginalidade.

3-Objetivo Geral

1 Educador Social é o nome que se dá a todos os funcionários de instituições que trabalham com fortalecimento de vínculo.

O objetivo geral do estudo é procurar reconhecer as dificuldades encontradas pelo Educador social-musical dentro do Coral Viver da Associação Viver.

3.1 Objetivos específicos

Este estudo reflete ainda sobre: 1) Quais as principais dificuldades encontradas? 2) O que está sendo feito para superar essas dificuldades? 3) Quais os significados que colaboraram para que este professor esteja trabalhando em um projeto para crianças em situação de risco? 4) Como o professor se sente frente às dificuldades e compensações?

4- O Coro Viver

A Cidade Estrutural é hoje reconhecida cidade satélite de Brasília que começou com um assentamento de catadores próximo ao aterro sanitário de Brasília e recebeu este nome por causa da rodovia próxima. O local ainda tem condições ruins de saneamento básico, segurança, saúde e educação. Os jovens vão em conduções locadas pelo governo para fazerem o ensino médio em outras cidades por faltar condições para o mesmo na localidade.

O Coro Viver é uma das oficinas da “Associação dos voluntários Pró-Vida Estruturada - Educação, Cidadania e Inclusão Social”, projeto que há alguns anos vem servindo a comunidade da Cidade Estrutural em parceria com o governo do Distrito federal. De acordo com o coordenador geral do projeto:

“A associação começou com trabalho de missionários da 1ª igreja presbiteriana do Cruzeiro em meados de 1994/95 tinha um posto policial aqui onde a gente está localizado hoje, e aqui do lado sempre houve um crescimento dos catadores e os filhos de catadores que sempre ficavam aqui em volta do lixão. Os missionários começaram a fazer um trabalho mais pontual com eles. Depois de um tempo o posto policial saiu daqui e eles cederam espaço para que o trabalho dos missionários fosse sendo feito com uma maior periodicidade, então mais ou menos de duas a três vezes por semana os missionários estavam aqui com essas crianças. O trabalho foi crescendo, a comunidade foi apoiando o trabalho, mais e mais filhos de catadores estavam vindo pra cá e não só filhos de catadores, mas também as crianças que ficavam sozinhas em casa começaram a participar desse projeto. Então foi um projeto que entre 1996 e 2000 o projeto foi crescendo e foram feitas adaptações no espaço pra poder atender o pessoal. Foi crescendo e a comunidade foi aprovando, as crianças foram se aproximando e fomos ampliando o espaço e em 2010 (interrompe a fala). Só que nessa época tudo funcionava com o sistema de voluntários, e se tivesse eram pouquíssimas pessoas que tinham uma ajuda de custo. Em 2010 nós conseguimos estabelecer um convênio com o GDF.” (Filipe R Lima, o coordenador geral da instituição)²

A instituição trabalha no serviço de convivência e fortalecimento de vínculo, procurando dar a essas crianças elementos de defesa no ambiente em que vivem; crianças que em muitos casos vivem em um ambiente desfavorável onde estão em uma situação de

vulnerabilidade é uma realidade dura para as crianças e famílias como foi relatado pelo psicólogo da instituição:

“(...) Eu converso individualmente com as crianças e coletivamente; a realidade sócio econômicas na maior parte das vezes deficitária com alguns problemas de ordem familiar com alcoolismo, drogadição de uma forma geral, o tráfico, a violência. Temos uma bomba relógio, em alguns contextos, não são todos..” (Daniel, psicólogo da instituição)³

A Oficina de Canto Coral é algo que se destaca dentro do projeto e em quase todas as entrevistas foi chamado de “cartão de visitas” da Associação, eles tem um destaque e traz chances para que as crianças saiam de seu cotidiano e tenham outras experiências, pois tem a oportunidade de visitar outros locais públicos e privados, como órgãos públicos, comemorações em Igrejas, shopping e outros. Eles têm assim acesso a outras realidades em circunstâncias colaborativas por que são cantores se apresentando. Isto é muito importante para as crianças que se sentem fortalecidas em sua autoestima. “O canto coral se estabelece desta forma, como um valioso instrumento de educação para liberdade e autonomia.” (LIMA 2007 pg. 157).

“O nosso coral aqui visita muitos órgãos públicos quanto particulares, teve uma renovação de convênio onde com todas as entidades, nosso coral se apresentou, na câmara legislativa, no Pátio Brasil...” (Filipe R. Lima)

Embora o projeto seja um trabalho de muita importância dentro da Cidade Estrutural e mesmo recebendo apoio do governo, a verba ainda não é suficiente para manter seus gastos e necessidades, e mesmo sendo amparado por uma ONG o projeto segue com dificuldades.

“O GDF entra com a verba pagando a equipe de pessoal e pagando despesas em geral que precisamos custear. Então a partir do ano de 2010, a gente desenvolve os trabalhos com o convênio com o GDF desde 2010 até hoje a gente recebe a verba do GDF em decorrência desse convênio pagamos a equipe de funcionários, hoje temos uma equipe de 39 funcionários, uma equipe técnica com: psicólogo, assistente social, pedagoga coordenador geral, educador social, cozinheira, nutricionista, auxiliares de manutenção; agente custeia também a alimentação, materiais de consumo, serviços de pessoa jurídica e física e combustível.” (Filipe R. Lima)

“O nosso material de consumo já está abrangendo o material pedagógico, das oficinas, é claro que não é aquilo que nós gostaríamos de dispor para as crianças, mas mantém os trabalhos funcionando. Dentro de cada oficina quando mandamos nosso plano de trabalho para o GDF dizendo o que vamos fazer temos uma planilha de despesas onde colocamos mais ou menos o que vamos gastar pra pôr a oficina pra funcionar é claro que temos que suprimir um pouco, pois a verba do GDF é limitada então recebemos hoje 298,90 reais por crianças atendemos 300 crianças entre 6 e 14 anos, por mês serão 89.640 reais que será fatiada em pagamento de pessoal, alimentação, materiais para as oficinas; assim podemos dizer que o governo do GDF custeia esses materiais, mas com valores pequenos”. (Filipe R. Lima)

O Administrador geral declara valores de 2016 o que se observado resulta em mais ou menos 10 reais para a manutenção de uma criança ao dia.

Essa é uma realidade difícil e que afeta diretamente as oficinas, como no caso do coro; que há algum tempo atrás dispunha de um corepetidor para o canto coral, o que não acontece atualmente, em tempos de crise se fazem necessárias reduções de gastos em detrimento dos trabalhos para a garantia de que o projeto não venha a se perder. No período em que foi feita a pesquisa a instituição teve que dispensar funcionários por estes motivos. Por outro lado a instituição percebe o apoio da comunidade onde está inserida, tanto das famílias que estão presentes nos eventos quanto com as parcerias com os órgãos do governo, polícia, assistentes sociais, conselho tutelar, que ajudam com as dificuldades encontradas em situações diversas com as crianças e famílias. Percebe-se um reconhecimento pelo serviço que a instituição tem prestado e os frutos que daí vem sendo tirados.

“(...) eu trabalho aqui há 2 anos. Aqui a Associação Viver funciona como um referencial dentro da Cidade Estrutural porque acho que se eu não me engano foi o primeiro trabalho a ser feito nesse sentido, as pessoas conhecem o trabalho da A VIVER e temos o apoio da comunidade, nós já tivemos vários funcionários aqui dentro da instituição que saíram para outros cargos como uma coordenadora pedagógica nossa que hoje é conselheira tutelar, uma educadora que trabalha na administração da Cidade Estrutural uma assistente social lá então de alguma maneira esse pessoal tem muito contato muita rede então ele fica conhecida. Fazemos reunião de pais eles vem, geralmente comparecem. Nos temos um evento chamado dia de viver que é o dia em que as crianças apresentam as habilidades que elas tem desenvolvido aqui, ai tem um lanche os pais vem para assistir, vem o administrador da Cidade Estrutural, os conselheiros tutelares o pessoal do COS do CRES todos órgãos do governo e isso é um reconhecimento de que este trabalho é importante. Quando se faz um evento onde as crianças vão apresentar e o Administrador da Estrutural vem pra gente tem um significado muito forte e percebe o apoio de todos.” (Filipe R. Lima)

O trabalho é realizado em horário contrário da escola formal. São atividades lúdicas que auxiliam a criança a fortalecerem vínculos e se reconhecerem como agentes transformadores em colaboração com a sociedade no local em que vivem. Em uma entrevista com duas crianças isto ficou claro, pois eram crianças que queriam cantar, mas não acreditavam que poderiam. Uma achava que a sua voz era feia, há outra muito tímida não acreditava que conseguiria cantar mesmo tendo sonho de fazê-lo profissionalmente.

No caso da primeira diz: “(...) eu entrei no coro porque a minha voz antes era feia e também minha mãe pediu. Eu pedi pra participar e ela deixou; (...) eu quero aprender músicas”. Desde que entrou na instituição essa criança participa do coro e agora diz não achar mais que sua voz é feia.

No caso da segunda criança, essa dizia:

“(...) eu queria tanto ser cantora quando eu crescer, eu ficava lá em casa cantando. Minha mãe disse que eu poderia também ser outra coisa. Pra pagar aula de cantora. Eu podia ser médica pra pagar as coisas pra treinar pra ver se eu sou boa mesmo. (...) Antes, no ano passado (...) eu não conseguia. Quando a tia mandava a gente cantar eu não conseguia. (...) Eu canto na minha igreja.”
(Entrevista com a criança #2) `

Aparentemente foi importante para essa criança participar do coro para conseguir superar sua timidez e começar a cantar em público. A questão de se tornar cantora profissional não é central. O que vemos aqui é que agora ela pode se expressar via canto dentro da comunidade em que participa. Daí observamos um exemplo que parece reafirmar o Canto Coral como uma atividade que pode ser significativa e libertadora para as pessoas.

Falar em canto coral é proporcionar a todos o encantamento com uma boa música de coral a ser ouvida. Falar em canto coral infantil é primeiro se remeter a uma educação musical de qualidade para crianças, que seja de forma significativa em sua vida. (SILVA, 2010, p. 20)

O Coro Viver, dessa instituição, está sob a responsabilidade de uma educadora social que é estudante de Licenciatura em Música da Universidade de Brasília. Neste ambiente de dificuldades econômicas ela organiza um trabalho com coro e ensino de flauta doce em vinte horas semanais atendendo uma média de 60 crianças.

Dentro desse trabalho, a educadora social tem vários desafios e dificuldades. Além dos problemas econômicos, já mencionados anteriormente, há questões relativas à própria formação; problemas referentes à forma como se organizam o funcionamento das oficinas; exigências excessivas de trabalho, e as condições gerais das crianças, que frequentemente apresentam problemas de várias ordens relacionadas às suas condições sociais precárias.

Um problema por ela enfrentado e citado em entrevista é a rotatividade dos coralistas em virtude da liberdade institucional de poderem estar em qualquer oficina.

“(...) hoje a gente tem mais ou menos em torno de uns 60 coralistas; mais ou menos mesmo porque assim às vezes agente consegue fazer uma apresentação com uns 70 com uns 80 aí de repente você faz uma apresentação com 50 então assim varia muito, eles entram e saem das oficinas, assim acaba que tem um rodízio muito grande de crianças... porque é assim por ser um espaço de convivência o educando ele... precisa estar inserido em uma oficina ele não é obrigado a ir àquela oficina uma vez que está lá (na instituição) então nós temos até uma lista de controle de quem participa e não participa, mas esta lista não é uma lista de presença ele não é obrigado a participar daquela oficina... então nesse sentido o trabalho fica mais complicado porque você precisa conquistar o seu educando todos os dias... se não ele não fica na oficina.” (Entrevista com a Carla).

Essa rotatividade de crianças entre as oficinas não é visto de forma negativa na instituição, por que se preza que elas tenham o máximo de experiências, mas quando se fala em aprendizado musical e experiência coral esse aspecto tem certa influência negativa. Não apenas por dificultar o processo de aquisição de repertório, mas porque o desenvolvimento individual como coralista depende muito do desenvolvimento do grupo como um todo. O coro exige um crescimento e amadurecimento, não somente do participante isolado como também do coletivo.

“(...) prática coral torna-se possível a partir do agrupamento das pessoas que dela participam de modo contínuo e regular. Portanto, para se tornar factível no processo e nos resultados a que se propõe, é necessário o ingresso, a assiduidade e o compromisso das pessoas para trazer resultados musicais que fazem parte da sua própria condição de existência. Além disso, ela envolve as relações de ensino e aprendizagem entre o regente e os coristas, para que juntos possam desenvolver um repertório”. (DIAS, 2012, p.133)

Muitos grupos que são formados para a prática coral possuem um número de integrantes que são constantes e outro de volantes, ou inconstantes. Isso implica a desafiadora tarefa para entrada, permanência e saída do coro o regente de administrar a rotatividade dos volantes sem interferir em seus projetos de trabalho, tanto nas questões de desenvolvimento musical dos coristas quanto na preparação de um repertório consistente para as

apresentações públicas que comumente ocorrem ao longo do ano. .(DIAS 2012 pg133, 134)

A educadora social trabalha na instituição desde o ano de 2012 concluindo já quatro anos de ingresso na instituição. Ela tomou conhecimento da vaga através de um primo que também estudava na UnB. Ela cumpre vinte horas semanais durante três dias da semana: segunda, quarta e sexta com oficinas de canto coral e flauta doce

Foram ditas várias vezes nas entrevistas por parte da coordenação que a instituição tem pretensão de profissionalizar o coro, mas será necessário rever esta flexibilidade de participação. Para que haja um trabalho profissional com as crianças se fará necessário um compromisso no preparo das vozes e repertório de modo a alcançar bons resultados, o que implicará em seleção de vozes, e melhor formação dos educadores diretamente ligados ao coro, que é outra dificuldade que a responsável pelo coro enfrenta.

“Problemas da falta de competência musical desconhecimento da pedagogia vocal e técnicas de aprendizagem como fatores que contribuem para a falta de qualidade musical dos corais brasileiros, ressaltando que, em sua maioria, são corais amadores não profissionais.” (UTSUNOMIYA, 2011, p. 55).

É evidente o esforço que a responsável faz ainda sendo estudante de Licenciatura faz para dar uma boa formação musical na medida de suas possibilidades, pois ainda não concluiu o curso e ainda com a dificuldade encontrada nas universidades que, segundo Utsunomiya, não estão em condições para preparar o estudante para um trabalho em projetos sociais.

“os cursos de Música em nível de licenciatura e graduação não capacitam nem instrumentalizam os alunos para o mercado profissional no que tange ao preparo com as necessidades prementes no trabalho em um projeto social” (UTSUNOMIYA, 2011, p. 66).

A educadora social teve uma formação participativa em corais desde a infância, mas tem outro tipo de graduação que é engenharia de alimentos e Licenciatura em Física.

“(…) eu canto em coral desde os 5 anos de idade e a minha formação toda é popular, mas da igreja, então toda vida cantei em vários corais. Com 10 anos de idade eu fui fazer aula de teclado porque eu achei que isso iria acrescentar bastante porque já que eu cantava, eu achei que ia acrescentar e seria interessante eu aprender a tocar instrumento, e aí depois de um certo tempo eu comecei a ensaiar alguns grupos na igreja onde eu congregava, e aí quando eu tinha 22 anos mais ou menos eu comecei a trabalhar mesmo com coral. Eu assumi o coral da igreja que eu frequentava porque

a regente foi embora, todos os regentes foram embora e eles queriam continuar o trabalho... aí quando eu vim de lá pra cá, aí sim eu tive alguns professores de técnica vocal, em Luziânia e Brasília, ela é formada em canto pela Escola de Música de Brasília e ela fez fonoaudiologia então ela tem assim essas duas áreas...eu tive alguns meses de aula com ela... e foi muito enriquecedor pra mim...” (Entrevista com a Carla, educadora social responsável pelo coro).

Mesmo que a educadora social se desdobre e se empenhe em aplicar sua formação prática de coral; para que o coro venha a se profissionalizar, além de melhorar a sua formação que é o que ela sempre procura fazer (já na Licenciatura com um semestre de Regência) é importante que a instituição torne-se consciente de que é necessário investir no coral.

Num processo de seleção de músicos para trabalharem em projetos sociais, tanto o músico quanto aquele que o contrata desconhece todas as competências e habilidades necessárias para o sucesso para o empreendimento com o coro infantil. (UTSUNOMIYA, 2011, p. 66)

Já no início das entrevistas compreendi que a coordenação quer e propõe que o coro se profissionalize, mas não compreendem exatamente o que precisam fazer para que isso aconteça o que dificulta também o processo por que só um professor é contratado para lidar com o coro o que embaraça o processo porque ele tem que fazer o trabalho de quatro profissionais que são: regente, preparador vocal, corepetidor, e preparador físico.

“Já para o regente de coro infantil na situação de projetos sociais são exigidas competências e habilidades, que extrapolam o domínio do conhecimento musical, em geral, motivado pela falta de recursos financeiros para manutenção de uma equipe de apoio para as atividades musicais do projeto.” (UTSUNOMIYA, 2011, p. 57).

De uns meses pra cá a pedido da responsável a instituição permitiu que outras duas educadoras que não tem preparação musical dessem uma ajuda durante a oficina de canto coral mais no sentido de organização. É claro que por causa da dificuldade financeira a instituição sobrecarrega a funcionária que mesmo que procure trabalhar com as crianças de maneira lúdica tem o encargo de ensinar as músicas para as crianças pelo menos a duas vozes e fazer com que cantem bem em diversas apresentações sendo necessário que atue como educador musical.

“O regente de um coral infantil precisa também apresentar competências e habilidades para desempenhar seu papel de educador (musical), pois não pode

dissociar o trabalho musical do processo de ensino aprendizagem.” (UTSUNOMIYA, 2011, p. 57).

Como já foi dito antes a educadora social exerce funções que extrapolam as dimensões pedagógicas musicais. O ambiente de trabalho, a administração e a demanda exige que ela atue com crianças que tem diferentes dificuldades em níveis de desenvolvimento psicopedagógico, comprometimentos sociais, em estado ainda de analfabetismo.

São muitas as necessidades e exigências no trabalho com as crianças não somente quanto a aspectos musicais, como também o fato de estar trabalhando com crianças que vivem ou viveram situações de vulnerabilidade. Em uma das entrevistas o psicólogo demonstra uma visão do que pensa sobre o trabalho coral:

“(…) Com relação à música mais de exploração emocional, com relação à música de mecanismo de defesa emocional... a criança entender que ela pode se expressar emocionalmente por uma poesia... ela ter essa percepção talvez faça uma diferença na vida dela, ela pode escrever sobre suas próprias emoções... pode fazer com que ela consiga uma defesa desse ambiente que em muitas vezes é ruim pra ela, é prejudicial pra ela” (Entrevista com o Daniel, psicólogo da instituição).

“(…) pedi a Carla que fizesse um trabalho diferenciado, (...) nós temos um problema muito sério aqui com alfabetização tem crianças de doze anos que não sabem ler, de nove anos que são semi alfabetizadas assim existe uma grande dificuldade delas decorarem a música para poder cantar (...) então ela lê a letra da música, explica a letra da música ela faz dois momentos da aula do que é de ouvir e movimentar o corpo (...) isso tem surtido ótimos resultados.(Rute Rodrigues, coordenadora pedagógica)

Do educador social não só são exigidas as habilidades musicais, mas também terapêuticas para tentar trabalhar o emocional, pedagógicas para ajudar na alfabetização como a preparação corporal com a criação de coreografia para as músicas. As duas entrevistas demonstram que as competências exigidas do funcionário excedem sua formação musical e exigem dele competências além do que um curso de Licenciatura pode lhe dar.

“Já para o regente de coro infantil na situação de projetos sociais são exigidas competências e habilidades, que extrapolam o domínio do conhecimento musical, em geral, motivado pela falta de recursos financeiros para manutenção de uma equipe de apoio para as atividades musicais do projeto.” (UTSUNOMIYA 2011 pg. 57).

“Há a necessidade de uma busca de aperfeiçoamento em diversas áreas de conhecimento a fim de habilitar-se realmente para a função; para as faculdades

de música e instituições de formação é premente desenvolver esforços para a atualização da matriz curricular em reconhecimento de que há uma nova realidade e uma nova demanda de mercado, que exigirá a inclusão de novas disciplinas.” (UTSUNOMIYA 2011 pg. 91).

Existe demanda de trabalho, havendo necessidade de uma formação que tente suprir as carências de formação que o curso de licenciatura possui atualmente. Aqui questiono sobre o que poderia ser melhorado em nossa formação para que ao menos em parte possam ser supridas as necessidades destes projetos em questão para que ao chegar ao campo de trabalho o educador tenha condições de corresponder às necessidades que se lhe impuserem.

Considerações finais

Esse estudo de entrevistas teve como objetivo reconhecer as possíveis dificuldades encontradas pela educadora social-musical, no desempenho de suas funções enquanto regente do coro Viver, assim como as competências que lhes são exigidas em sua atuação na instituição.

Apesar de não serem as únicas, as dificuldades identificadas no projeto Coral Viver e aqui apresentadas foram: de ordem financeira, a instituição apresenta dificuldades econômicas, que apesar de serem escassos, os recursos recebidos são bem empregados para o funcionamento da instituição. Além das dificuldades quanto ao espaço físico e recursos materiais, por exemplo, incorre no déficit para a contratação de profissionais, a fim de auxiliar o professor responsável pelo coro, embarçando assim o processo pedagógico, pois além de atuar como regente, ela precisa desempenhar outras funções, como: preparador vocal, corepetidor e preparador físico. Diante desse contexto, as dimensões pedagógicas e musicais são extrapoladas, isto é, o ambiente de trabalho exige que ela atue com as crianças com diferentes demandas em níveis de desenvolvimento psicopedagógico, comprometimentos sociais (risco), analfabetas e com problemas psicológicos decorrentes da situação as quais estão submetidas.

Foi identificada, ainda, deficiências quanto à formação da educadora social, que não completou sua graduação em Música, além de não ter uma base suficiente em canto e preparação vocal, requisitos para a prática de canto coral. Por último, existe uma rotatividade dos coralistas, em virtude da liberdade institucional de poderem estar em qualquer oficina, o que ajuda a ocasionar faltas e desistências entre as crianças e ao mesmo tempo um desnível musical entre os participantes.

Apesar de déficits em sua formação, a educadora responsável visa melhorar a sua prática pedagógica com pesquisas em diversos materiais disponíveis sobre canto coral, bem como participação em cursos específicos para a atuação como regente, mesmo sendo difícil sua ausência na instituição, por não ter quem a substitua em sua função.

Mesmo com todas as dificuldades encontradas, pude perceber que a educadora social entende seu trabalho como sendo uma colaboração para a sociedade, além de acreditar que possa render frutos, no futuro das crianças e da comunidade. Percebe-se, por parte da educadora

social, que independentemente de valor salarial ou do quanto trabalhar nessas condições seja estressante, o seu trabalho por si só traz compensação. Minha impressão sobre o projeto é que ele foi capaz de construir uma associação forte entre as pessoas e a comunidade, que mesmo passando por muitas dificuldades, consegue manter um trabalho sério, movido por um senso de comprometimento com os problemas sociais, e uma vontade de fazer o bem.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada*. São Paulo: Ed. Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. São Paulo: Ed. Zahar, 2001

DIAS, Leila Miralva Martins. *Interações pedagógico-musicais da prática coral*. Revista da ABEM, Londrina, v.20, nº 27, 130-140, jan/jun 2012.

DIAS, Leila Miralva Martins. *Interações nos processos pedagógico-musicais da prática coral: Dois estudos de caso*. Tese de Doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre 2011.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, [1963] 1988.

GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na Vida Cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Porto Alegre: Ed. Vozes, 1975.

GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual: Essays in Face Behavior*. New York: Doubleday, 1967.

LIMA, Maria José Cheviltarese de Souza. *O Canto coral como Agente de Transformação Sociocultural nas comunidades de Cantagalo e Pavãozinho: Educação para Liberdade e autonomia*. Tese de Doutorado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro 2007.

SHÜTZ, Alfred [1971]. *Faire de la musique ensemble: Une étude des rapports sociaux. Dans Sociétés. N. 1, Paris, Masson, 1984.*

SHÜTZ, Alfred. Arvid Brodersen In: *Estudios sobre teoria social*. Buenos Aires: Amorrortu editores. 1974.

SILVA, Janieri Luiz da. *A educação musical em ONGS: a prática do coral infantil na ADOTE-RN*. Monografia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal 2010

UTSUNOMIYA, Mirian Megumi. *O regente de Coro Infantil de Projetos Sociais e as Demandas por Novas Competências e Habilidades*. Universidade de São Paulo Dissertação, São Paulo 2011.